

Por uma lavoura saudável

Adair Sobczak



As vantagens e os cuidados na aplicação do sistema de Integração Lavoura-Pecuária

Com a rentabilidade cada vez mais restrita, o produtor brasileiro tem partido em busca de alternativas que viabilizem um incremento financeiro para a propriedade. Nesta jornada, suas únicas armas são os fatores de produção, principalmente o solo, que após a safra de verão fica ocioso até o próximo plantio, caso o agricultor não opte pelo cultivo de inverno ou pela safrinha, em determinadas regiões.

Terminada a colheita das lavouras de verão, muitas áreas agrícolas se transformam em campos de produção de carne e leite. Além do ganho extra, a ILP (Integração Lavoura-Pecuária) atua também na conservação do solo e na recuperação de áreas degradadas. No entanto, especialistas apontam para alguns cuidados na adoção da ILP, no sentido de evitar que a sistemática, ao invés de retorno, traga prejuízos e dor de cabeça ao produtor.

De acordo com o pesquisador em pastagens e forragens da Embrapa Gado de Corte, Roberto Giolo de Almeida, é importante definir o tempo de permanência dos animais na área de pastoreio, que dependerá do objetivo do produtor. O especialista explica que se a área for utilizada somente na entressafra de culturas anuais como a soja, por exemplo, os animais devem ser retirados, pelo menos, um mês antes da dessecação, para que a forrageira possa acumular biomassa suficiente para a formação de palhada.

“Neste ponto, quanto mais baixo o capim, mais tempo ele leva para se recuperar. O capim pode ser usado com maior intensidade, mas, para as braquiárias, sua altura no momento da saída dos animais, não pode ser inferior a 10 cm, e para as cultivares de *Panicum maximum*, não inferior a 20 cm. Se o objetivo for utilizar a pastagem por mais tempo, os animais devem ser mantidos na pastagem até esta atingir as alturas mínimas (limite), entre 15 e 20 cm para as braquiárias, e de 25 a 35 cm para as cultivares de *Panicum maximum*”, orienta.

Em relação à lotação da área, o especialista comenta que dependerá da disponibilidade de forragem, sendo que as lotações em sistemas ILP são maiores do que em manejos de sistemas de pastejo contínuo e, no período seco, normalmente maiores que em sistemas rotacionados.

Na época da dessecação, especialistas em SPD (Sistema de Plantio Direto) apontam que a quantidade ideal de palhada, objetivando o próximo plantio, é de cinco toneladas por hectare, distribuídas de forma homogênea, o equivalente a oito toneladas de massa verde de capim.

“Em sistemas de ILP conduzidos inadequadamente, permitindo que os animais permaneçam por um período além do recomendado, resultará na falta de uma palhada adequada para o plantio direto subsequente e na compactação da camada superficial do solo (de 0 a 5 cm). Esta compactação tende a ser maior com o tempo prolongado de permanência dos animais,

com a precipitação pluviométrica e com a textura do solo, sendo que, quanto mais argiloso, pior”, revela o especialista.

Compactação – Para o engenheiro agrônomo e gestor da unidade de negócios em produção animal da Cooperativa dos Agricultores de Plantio Direto, Cooplantio, Thiago Stella de Freitas, o ponto-chave para o sucesso da ILP é entender que este é um sistema de produção e, portanto, não se pode olhar para a pastagem ou para a lavoura de forma isolada.

“Quando o sistema é bem conduzido e baseado no SPD, com uso de insumos e genótipos melhorados, a lavoura gera benefícios para a pecuária e vice-versa”, revela.

Mestre em Nutrição Animal, Freitas comenta que um dos maiores receios dos produtores é com a possível compactação do solo causada pelos animais durante o período de pastoreio.

“De fato, esta preocupação deve ser levada a sério, mas o manejo adequado dos animais durante este período evita prejuízos ao solo e a lavoura em sucessão”, explica.

Na opinião do especialista, o manejo dos animais deve observar o tipo de solo e respeitar a altura mínima de corte, de maneira a manter a pressão de pastejo adequada ao tipo de pasto, para que ocorra sobra de massa vegetal.

“Nestas condições, a pecuária será uma grande aliada na melhoria das condições químicas, físicas e biológicas do solo e contribuirá para o aumento de produtividades na agricultura e do sistema como um todo, gerando benefícios como: redução dos inóculos de pragas e doenças e quebra de ciclos de plantas daninhas, reduzindo a necessidade de defensivos agrícolas; promoção dos processos da reciclagem de nutrientes e deposição de matéria orgânica na superfície do solo; recuperação da estrutura química, física e biológica do solo; fonte de cobertura de solo para o sistema de plantio direto e redução da erosão, e lavouras em sucessão mais produtivas”, afirma.

“Por isto, a Cooplantio vem utilizando a ILP no sul do Brasil por acreditar e apostar nos benefícios do sistema para seus associados”, complementa.

Entre as consequências negativas de um pastoreio mal conduzido, estão a redução da porosidade do solo, da capacidade de infiltração e de armazenar água, dificuldade no desenvolvimento radicular, redução da produtividade das culturas em sucessão entre outras.

“Um pastoreio mal conduzido (com falta de pasto ou excesso de gado) pode comprometer a sustentabilidade do sistema. O bom manejo é conduzido com base na cobertura de solo e na produção de biomassa”, aponta Freitas.

Ele cita como exemplo, um trabalho realizado no Rio Grande do Sul entre 2004 e 2005, por um grupo de pesquisadores da Universidade Federal de Santa Maria, coordenado pelo doutor Rodrigo Nicoloso para avaliar níveis de intensidade de pastoreio e seus impactos sobre as lavouras de verão cultivadas em sucessão.

“Neste estudo, foi possível observar que houve redução na produção de palhada à medida que se intensificou a utilização das pastagens de inverno, reduzindo o rendimento da soja e do milho cultivados logo a seguir em 24,38% e 16,53%, respectivamente”, comenta.

As técnicas conservacionistas – Professor do Departamento de Fitotecnia e Fitossanitarismo da Universidade Federal do Paraná, UFPR, Aníbal de Moraes, aponta para os princípios fundamentais que norteiam o sistema ILP, entre eles a adoção de todas as práticas conservacionistas de solos, como o SPD, a construção de terraços, fazer as divisões das áreas contemplando a localização dos cochos de água, sal e das sombras para que a locomoção dos animais ocorra em nível do terreno.

“A rotações de culturas na mesma unidade de área, bem como a utilização das melhores opções das espécies forrageiras e das variedades ou híbridos das lavouras são outros fatores

importantes” orienta, acrescentando que também se preconiza a utilização da adubação nos pastos, tanto de verão como de inverno.

“Esta passa a ser feita em uma nova visão de prática de adubação do sistema, onde a colocação dos nutrientes é feita preferencialmente na pastagem. Assim, com o solo já equilibrado, pode ser feito o cultivo das lavouras sem o adubo, pois os nutrientes já estarão agindo no sistema, atendendo a demanda das plantas”, explica.

Sistema que a cada dia vem ganhando adeptos, a ILP representa um incremento na rentabilidade do produtor, pois além da produção de grãos, há também um acréscimo da receita com a pecuária de corte e leite. Apesar dos ganhos adicionais, especialistas alertam para a necessidade de equilíbrio no processo, pois se o produtor utilizar as pastagens sem os devidos cuidados com as adubações e com o manejo correto, implicará na possível compactação do solo e no comprometimento físico do bom desenvolvimento radicular das plantas, ocasionando a diminuição da produção.

“É importante salientar que isto somente ocorrerá se o produtor não tomar os cuidados em relação à prática da adubação e do manejo correto. Na formação das pastagens de inverno, por exemplo, é importante que a adubação fosfatada seja feita na linha que vai ser semeada a aveia e o azevém e, logo que esta estiver iniciando seu perfilhamento (3 a 4 folhas), deve-se aplicar a adubação em cobertura com o potássio e o nitrogênio”, revela, orientando que, no caso do nitrogênio, se aplica, como regra geral, 150 kg por hectare, parcelado em duas vezes.

“Os animais só deverão ingressar na área quando a pastagem atingir de 20 cm a 25 cm, sendo que sua altura de pastejo deve permanecer nesta faixa, não permitindo que esta reduza a menos de 15 cm em pastejo contínuo e de 10 cm a 12 cm se for no sistema rotacionado”, enfatiza.

Segundo a UFPR, em quase todos os trabalhos conduzidos orientando teses ou dissertações no Sul do Brasil, nunca houve uma situação de redução de produtividade quando havia a entrada de animais em pastoreio no inverno em solos agrícolas.

“Isto, em 16 anos de estudos com vários tipos de solos e clima, envolvendo as culturas de soja, milho e feijão”, afirma Moraes, comentando que em estudos sobre a questão da palhada, mostraram que variações de duas a oito toneladas por hectare, não apontaram diferenças de respostas às culturas subsequentes a pastagem de inverno.

“A razão básica disto, é o fato de que a adubação da aveia e do azevém faz com que o pasto consiga acumular de 2 a 4 vezes mais matéria seca no sistema, provocando um forte incremento de massa de raízes que impede qualquer ação de uma possível compactação pelos animais quando o manejo é correto. Sempre que constatamos mudança nas produtividades das lavouras, estas foram positivas, especialmente para o milho”, revela.

Fonte: Panorama Rural, maio 2010. Disponível em: <<http://www.panrural.com.br>>. Acesso em: 25 maio 2010.